

## O CORRUPTOR DA VIRTUDE SOCRÁTICA

### THE CORRUPTOR OF THE SOCRÁTICA VIRTUE

*Héctor Hugo Palacio Domínguez*

Doutor em Educação e professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Ceará.

#### Resumo

A acusação de corruptor de jovens que se lança contra Sócrates em juízo público aparece em primeira instância como paradoxal, levando em consideração que Sócrates ficou para ocidente como modelo de virtude e de transmissão do saber. Desde diferentes pontos de vista, no entanto, essa acusação recupera o sentido: como má interpretação das práticas eróticas da época, como referência ao contexto histórico antidemocrático da Atenas dos Trinta Tiranos e, finalmente, como questionamento dos princípios de autoridade e tradição em favor do intelectualismo e do primado do exercício individual da razão. Desde essa perspectiva, mais ampla, Sócrates seria de novo condenável.

**Palavras-chave:** Sócrates, Democracia, Pederastia, Corrupção, Autoridade, Retórica, Intelectualismo.

#### Abstract

Accusing Socrates of corrupting the youth, as it was done in public Trial before his death, seems at first sight to be something of a paradox, taking into account the fact that Socrates has been a Western model for virtue as well as for the transmission of knowledge. From a number of viewpoints, however, this accusation makes sense: as a misunderstanding of the erotic practices of the period, as a reference to the antidemocratic historical time of the Thirty o Athens and, finally, as a questioning of the principles of authority and tradition, favouring intellectualism and the primacy of the individual exertion of reason. From this, broader perspective, Socrates would again be condemnable.

**Key-words:** Socrates, Democracy, Pederasty, Corruption, Authority, Rhetoric, Intellectualism.

A proposta do texto é a do retorno a esse juízo público celebrado em Atenas por volta do ano 399 a.C., juízo com que Sócrates foi condenado a morte por, dentre outras coisas, “corromper os jovens”. Como interpretar essa acusação formulada contra um homem que a própria história nos apresenta como iniciador, em muitos aspectos, da filosofia clássica e, certamente, como abertamente preocupado com a transmissão do saber, a educação, a virtude, e o próprio *status* da sabedoria? Como entender essa acusação no contexto dos diálogos platônicos, onde os interlocutores do Sócrates desenhado por Platão, jovens em sua maior parte, entram em um jogo dialético que tem servido de alicerce para o desenvolvimento moderno do que se tem considerado, freqüentemente, o próprio coração do discurso filosófico?

O juízo e a morte de Sócrates têm projetado sempre um extenso fascínio, com suas interpretações correspondentes, que ainda hoje vão do debate historiográfico-filológico à exclusiva análise das redes simbólicas deste ícone cultura de ocidente. Entre ambos os extremos e, sem dúvida, mais perto desse último, nos propomos neste texto a analisar algumas possíveis interpretações dessa desconcertante acusação contra esse “cidadão exemplar” de Atenas; ver em que medida podem ser más interpretações e em que medida tem deixado de sê-lo com a passagem do tempo, ainda, relacionar essa acusação com as outras acusações que surgiram explicitamente nesse juízo, para fazer ver a suposta não aptidão pedagógica de Sócrates não pode ser, em absoluto desvinculada dos outros cargos que o condenaram a beber a cicuta; finalmente, emitiremos mais um juízo sobre Sócrates, a partir daquilo que os textos que nunca escreveu continuam a nos falar sobre ele; um juízo que, adiantemo-lo, apesar de toda a sua ambigüidade e sua ironia, seria novamente condenatório.

## Como Interpretar Essa Acusação

Na Grécia de finais do século V a.C. é evidente que quase tudo tinha um sentido suficientemente próximo de nossa contemporaneida-

de como para que possamos compreendê-lo e suficientemente distante como para que jamais possamos compreendê-lo bem. A corrupção moral de discípulos jovens não é uma situação que nos resulte excessivamente difícil de nos representarmos, porém, a moralidade clássica rompeu muitos de seus laços com a nossa. Voltando o olhar para trás, tão só algumas décadas, é difícil encontrar os testemunhos de helenistas, filólogos e acadêmicos que tinham sérios problemas para assumir a existência da instituição grega da pederastia, e em ocasiões ela era relegada às margens ou às elipses. Em outras ocasiões, pelo contrário, era exatamente a desculpa para colocar de manifesto a inferioridade moral da Antigüidade e, ainda mais, para justificar a ruína pessoal de personagens públicos como Sócrates. Chegamos, assim, a uma primeira interpretação, quiçá a mais ingênua, hoje insustentável, e que jamais teve, de fato, uma grande repercussão: a interpretação do poder corruptor de Sócrates em tanto que cidadão adulto com comportamentos eróticos com filhos varões de outros cidadãos: Sócrates um tanto que pederasta. Porém, mesmo alguns defensores da moralidade judeu-cristã fizeram alusão, freqüentemente, às representações contemporâneas do homo-erotismo como “o vício de Sócrates”, a vontade socrática de se manter à margem da política ativa, sua ênfase na virtude individual e sua própria conduta descrita em termos de asceta e excêntrico em relação aos usos amorosos da época, tem feito com que nem sequer a tradição cristã tenha se exacerbado excessivamente nesta desacertada, anacrônica e ingênua interpretação. Teremos que adiantar, no entanto, que se bem Sócrates não nos tem chegado como paradigma do chamado “amor grego”, apesar de declarar ser versado em questões amorosas (*Banquete*), a transcendência da sua associação da pederastia com a corrupção educativa pode ir, como veremos mais adiante, além do puro anacronismo.

Uma aproximação historiográfica mais séria nos fala da corrupção dos jovens em termos estritamente políticos: dentre os seguidores de Sócrates, tinham estado Alcebíades e Crítias, que tinham demonstrado abertamente seu distanciamento do modelo democrático anterior durante o período da oligarquia dos Trinta, quando exerceram seu poder. Logo após a derrocada dos “trinta tiranos”, tinha se proclamado uma anistia que proibia juízos em relação com os acontecimentos desse período

político. Ainda assim, quando Sócrates na *Apologia* diz sobre seus acusadores anônimos que “faz muitos anos que essas mentiras vêm sendo propagadas” (*Apologia* 18a),<sup>1</sup> esta se referindo a um sentimento de seus concidadãos que o associa com o fato de ser o mestre daqueles que tinham colocado em questão o sistema democrático ateniense e tinham exercido um poder despota. A “corrupção dos jovens” seriam, então, as idéias de auto-suficiência e anti-relativismo que teriam conduzido aos discípulos Alcibíades e Crítias a se tornarem inimigos tiranos da organizada sociedade ateniense.

Nessa aproximação historiográfica, no entanto, um autor como Thomas Brickhouse, em seu *Sócrates a Juízo*, preocupa-se em resgatar a figura de Sócrates para a causa democrática, por falta de evidências filológicas: “concluimos que a *Apologia* 33a 4-5 não nos leva por si mesma a supor que Sócrates alude especificamente a sua pretensa corrupção de Crítias, Alcibíades ou Cármides, de forma oposta ao número indefinido de jovens atenienses que, de acordo com os ‘primeiros acusadores’ foram corrompidos quando se associaram a ele (23c 2 – d 2)”.<sup>2</sup> A partir dessa conclusão, só uma acusação geral de corruptor, sem partidismo político ou nomes próprios concretos, se sustentaria, e não estria diretamente relacionada com as suposta atitudes “antidemocráticas” de Sócrates, que no âmbito da cena política certamente não se evidenciam documentalmente, nem sequer durante a oligarquia dos Trinta. Apesar disso, não podemos deixar de pensar que, na mente dos presentes ao juízo, a associação entre Sócrates e os mencionados tiranos fornecia corpo e rosto à acusação de corruptor, para uns cidadãos que tinham sido testemunhas dos desmandos políticos dos oligarcas. Por isso, Brickhouse insiste no fato de que a anistia proibia a inclusão explícita nos cargos das associações de Sócrates com certos cidadãos, então jovens, “porém não havia uma provisão na anistia que impedisse a Meleto e a outros d fazer inegáveis referências à associação de Sócrates com Alcibíades ou Crítias, através de insinuação óbvia, ou inclusive bastante explicitamente”.<sup>3</sup> De forma que a acusação de “anti-democrata” surge como a primeira interpretação passível de argumentação, diante dos fatos históricos, do corruptor do ensino socrático. Para resgatar nosso personagem dessa acusação de mísódhmoç seria

suficiente com desqualificar os preconceitos que, sem fundamentação nos fatos concretos, mas simplesmente na passada relacionamento pedagógico, ligavam na mente dos jurados a Sócrates e alguns dos políticos do regime dos Trinta Tiranos.

E, ainda assim, deixando de lado o terreno exclusivamente historiográfico, caberia perguntar-se se não estamos nós, em condições de assumir uma suspeita semelhante à dos jurados, se o ensino de Sócrates não tinha em si mesmo algo de incitante ao poder oligárquico e ao culto pessoal, por oposição à tradicional distribuição do poder mais ou menos equitativa entre os varões que detinham o privilégio da cidadania. À margem de históricas intrigas políticas, é perfeitamente lícita a pergunta pelo adequado da atividade pedagógica de Sócrates dentro de um contexto político onde a tradição e a autoridade continuavam desempenhando um papel importante:

Desde o ponto de vista de um ateniense tradicional, o “serviço à divindade” de Sócrates poderia muito bem parecer ser uma corrupção. A Atenas do século V estava cheia de homens orgulhosos, homens cuja cultura estava construída ao seu redor. Esta não era meramente uma cultura dominada pelo masculino, mas também uma cultura do autoritarismo masculino. Os varões adultos não só governavam o estado, senão também seus lares e tudo aquilo que neles vivia. [...] Esses homens eram loquazes, combativos, e sensíveis ao ridículo, à necessidade de se sair bem livrados nos confrontos públicos. Qual seria o efeito, numa cultura assim, de um homem cuja missão o levava diariamente a lugares públicos para mostrar que pouca sabedoria real eles tinham? A missão de Sócrates tinha o efeito de mostrar aos jovens o pouco que realmente sabiam seus pais acerca de como viver, e que pouco alicerçados estavam seus valores e tradições. E os jovens admiradores de Sócrates não aceitaram passivamente a autoridade de seus majores; pelo contrário, questionaram-na, e eram estimulados pela sua capacidade para refutar e confundir seus pais acerca das crenças mais vitais e estimadas. É inteiramente possível o fato de que alguns jovens seguidores de Sócrates se convencessem pela sua capacidade para refutar valores tradicionais sustentados irreflexivamente, que tais valores não podiam justificar-se, e se viram avocados, então, ao mais profundo niilismo moral. Os primei-

ros encontros com o pensar da filosofia crítica freqüentemente tem esse efeito, inclusive hoje.<sup>4</sup>

De tal forma que a evidência do arriscado da atividade de Sócrates podemos senti-la, ainda hoje, na perplexidade que o próprio ensino da filosofia pode causar nos jovens que se aproximam dela. Poderíamos, nós também, emitir um juízo, e dizer se esse perigoso convite ao questionamento da autoridade, ao jogo dialético da independência do pensar, tem algo de corruptor na sua essência, ou só teve essa característica aos olhos de uma civilização antiga, em relação à qual, nós tivemos a sorte de não herdar muitos de seus fardos.

Pronunciemos, então, esse juízo, desde a prudente distância de uma interpretação de um tempo que dista dois mil e quatrocentos anos, e em momento nenhum pretendendo oferecer solução ao chamado "problema de Sócrates:"<sup>5</sup> Apesar de todo o seu serviço à democracia ateniense, o contato com seus discípulos socavava muitos dos princípios sobre os quais alicerçava-se essa democracia. Os infinitos e renovados estudos sobre o classicismo têm nos ensinado que as etimologias não são suficiente justificativa para a sobrevivência de um conceito, e que o exercício da democracia ateniense, possuindo complexas e sofisticadas redes de poder, encontra-se muito distante dos princípios de autonomia, direitos individuais e universalidade com os quais estamos acostumados a descrever os regimes democráticos contemporâneos. Por tanto, no contexto do poder democrático do 399 antes de Cristo, Sócrates estava, de fato, corrompendo os jovens, na medida em que os afastava dos princípios tradicionais do exercício do poder público.<sup>6</sup> Paradoxalmente, isso ficaria apoiado pela própria prática erótica de Sócrates, a qual, como afirmamos, acima, não é simplesmente anedótica: Platão nos apresenta um Sócrates que constantemente transgride a instituição clássica da pederastia, fazendo vista grossa de requerimentos de *erómenoí* como Alcibíades, ou simplesmente subtraindo-se, com sua independência e ascética características, às paixões eróticas próprias de um mestre da época. Voltando a nossa primeira, ingênua interpretação de *diafqerein* (corromper), teríamos que dizer que Sócrates corrompia os jovens precisamente por que não encaixava nos cânones de um pederasta.

## Outras acusações

Numa cultura orgânica como a clássica não é difícil estabelecer ligações estreitas entre atividades diferentes da vida pública. Dessa forma, nos centrarmos na acusação de corrupção nos impede de estender nosso juízo particular ao resto das acusações que finalmente levaram à condenação a morte de Sócrates. Mesmo que a acusação formal seja levada a efeito por Anito, Meleto e Licón, Sócrates, na *Apologia*, inclui outras possíveis acusações, derivadas, dentre outras, da deformada imagem pública que dele tinha elaborado a comédia. *As Nuvens*, de Aristófanes. Essas eram as acusações que se costumava lançar contra os sofistas: se ocupar em excesso dos problemas celestes e subterrâneos, e de fazer com que o argumento mais fraco apareça como o mais forte. Sócrates não parece ter grandes dificuldades em se defender de sua inclusão no grupo de mestres de quem se sentia fundamentalmente desvinculado, fundamentalmente por que apelava para o desdém pelo relativismo da força retórica e o intelectualismo da virtude política.

124

O que relaciona o descrédito do poder da palavra e a racionalização da virtude com a corrupção da juventude; ou, ainda mais, com a acusação de impiedade, que também se lança contra Sócrates? Devemos levar em consideração a novidade que supõem os postulados socráticos, uma novidade mensurável pelo seu impacto nas reformulações que deles tem feito a história de ocidente. Ligar o saber à virtude é o grande passo que senta os alicerces, pela primeira vez na história, para a criação de um sujeito cuja autonomia se baseia em sua capacidade racional e não em seus vínculos ou diferenças com o grupo ou com a tradição.<sup>7</sup> De outro lado, desligar as noções verdadeiras da força persuasiva dos argumentos, perseguir a verdade que subjaz ao enganoso poder da linguagem, coloca Sócrates no início da tradição filosófica dialética, apoiada em valores de verdade e não em valores de poder. Ambos os giros podem parecer-nos irrenunciáveis, constitutivos, inclusive, de nossa própria configuração mental como homens e mulheres do terceiro milênio. Contudo, acreditamos que é tarefa da filosofia a crítica de seus próprios pressupostos e a exploração dos caminhos teóricos que a historicidade

da verdade se empenha, em deixar de lado. Por isso, queremos chamar a atenção não para a renúncia a umas origens provavelmente irrenunciáveis, mas para o desenvolvimento de uns gérmenes cujo contexto, num exercício teórico, não parecem esgotar-se na seqüência histórica de suas interpretações e, certamente, não na de suas mal interpretações.

Do intelectualismo de Sócrates deriva-se sua impiedade: alguém que desconfia da retórica e pretende racionalizar a virtude não pode se deixar seduzir pela verdade do mito nem pela veneração da tradição. Esse intelectualismo, certamente, corruptor para alguns de seus jovens discípulos em sua época, lhe tem sido criticado desde pontos de vista diferentes. Um dos casos mais notórios é, provavelmente, o do jovem Nietzsche, acusando a Eurípidés de “socratismo estético”, denunciando a associação entre Sócrates e Eurípidés, e denotando em um tom certamente romântico a máxima de que “para ser bela uma coisa tem que ser primeiro inteligível”, uma máxima paralela ao *dictum* socrático “somente aquele que sabe é virtuoso.”<sup>8</sup> Muitos anos depois que o próprio Nietzsche tem sido reinterpretado, continua sendo válido perguntar-se pelas acusações feitas a Sócrates por seus contemporâneos, à luz daquilo que a história do pensamento moderno tem de réplica e até de santificação de certos aspectos do socratismo: a autonomia, a gênese do princípio de identidade, a universalidade da virtude, o desprezo pelo princípio da autoridade e da tradição. E esse colocar em questão é correto, por que o modelo socrático com suas luzes e sombras, continua presente em nosso entendimento do ensino da filosofia e da transmissão do saber em geral. Seria desejável, depois de ter passado pela sacralização da autoridade no período Medieval e, pela deificação ilustrada de racionalidades várias, levar em consideração todos os gestos socráticos, incluídos sua ambigüidade e sua ironia, e acima de tudo o fato de que aceitara sua condenação como uma coisa justa (CRÍTON, 52b-53c). A morte do Sócrates histórico torna-o, segundo alguns teóricos, um mártir para a causa onto-teológica e, nós podemos acrescentar, para a política e a prática educativa. Só assim parece compreensível o horror que causam num contexto contemporâneo as noções de tradição, autoridade, retórica, força discursiva, como monstros envenenados para sempre pela cicuta de Sócrates.

## Referências Bibliográficas

BRICKHOUSE Thomas & D. SMITH Nicholas. *Socrates on trial*. Clarendon: Oxford, 1990. p. 197.

LURI MEDRANO, Gregorio. *El proceso de Sócrates: Sócrates y la transposición del socratismo*. Madrid: Trotta, 1988. p. 31.

MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, José. *El legado de Sócrates*. Granada: Comares, 2001. p. 154.

PALACIO DOMÍNGUES, Héctor. *A formação humana como educação ético-política: uma leitura do Protágoras*. Tese (Doutorado: Inédita). Porto Alegre, 2006.

PLATÓN. *Defensa de Sócrates*. Tradução de Francisco García Yagüe, em *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1966, p. 202.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche Biografia de uma tragédia*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

126

## Notas

- <sup>1</sup> PLATÓN, *Defensa de Sócrates*. Tradução de Francisco García Yagüe, em *Obras Completas*, Aguilar: Madrid, 1966, p. 202.
- <sup>2</sup> Thomas Brickhouse & Nicholas D. Smith, *Socrates on Trial*. Clarendon: Oxford, 1990, p. 197.
- <sup>3</sup> Brickhouse, p. 75.
- <sup>4</sup> Brickhouse, p. 198-99.
- <sup>5</sup> José Martínez Hernández evita pronunciar um discurso valorativo acerca da figura histórica, mas ao mesmo tempo, acrescida de ficção, de Sócrates. Esse fato pode não nos ajudar muito na hora de compreender o espírito desse grande polemista: Não vamos centrar-nos aqui no Sócrates histórico, e também não no recorrente *problema socrático* acerca do qual tanto se tem escrito. Carecemos para isso da erudição, da paciência e do interesse necessários e, acima de tudo, estamos

convictos de que essa não é a forma mais adequada de se aproximar dele, porque trilhando esse caminho, acabamos presos na teia infinita de argumentações e de sutis diferenças que se usam para apoiar as mais díspares teorias.” José Martínez Hernández, *El legado de Sócrates*, Comares: Granada, 2001, p. 154).

- <sup>6</sup> “A acusação é, por tanto, a de piorar (em maior ou menos grau) o estado da juventude ateniense. Conford interpreta esse termo como ‘desmoralizar’ e, sob essa perspectiva, acrescenta, numa direção já aberta por Hegel, que a acusação era verdadeira, pois ‘Sócrates estava minando a moral baseada na necessidade social, essa ética da obediência e da conformidade com o costume que mantém unidos os grupos sociais.’ Em último termo, Sócrates está colocando em questão o mais básico de toda comunidade humana: os simulacros que fomentam sua identidade e sua coesão: Sócrates torna piores os jovens em tanto que cidadãos” (Gregorio Luri Medrano, *El proceso de Sócrates: Sócrates y la transposición del socratismo*, Trotta: Madrid, 1988. p. 31).
- <sup>7</sup> Cf. a esse respeito, a análise da virtude segundo o modelo sócrático em Norbert Bilbeny, *Sócrates: El saber como ética* (Barcelona: Península, 1988, p. 46-54).
- <sup>8</sup> F. Nietzsche, *As origens da Tragédia*, Parágrafo 12.